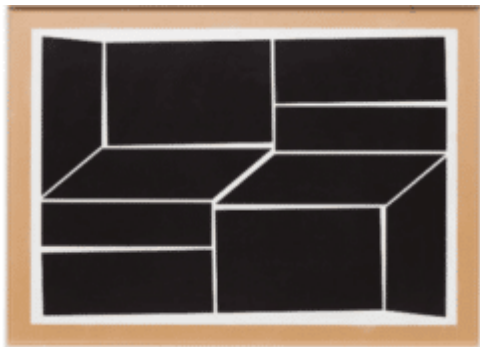


Ave-bala (de rapina) perdida



Por **FERNANDO RIOS***

Poema contra a violência e seus desdobramentos.

Para Filipe, Tigre, Grave, Condor Azeredo Rios.

“— E quem foi que o emboscou,\ irmãos das almas,\ quem contra ele soltou\ essa ave-bala? — Ali é difícil dizer,\ irmão das almas,\ sempre há uma bala voando\ desocupada.

— E o que havia ele feito,\ irmãos das almas,\ e o que havia ele feito\ contra a tal pássara?\ ... — Mas então por que o mataram,\ irmãos das almas,\ mas então por que o mataram\ com espingarda? — Queria mais espalhar-se,\ irmão das almas,\ queria voar mais livre\ essa ave-bala. — E agora o que passará,\ irmãos das almas,\ o que é que acontecerá\ contra a espingarda? — Mais campo tem para soltar,\ irmão das almas,\ tem mais onde fazer voar\ as filhas-bala” (João Cabral de Melo Neto, *Vida e morte Severina*).

1.

uma ave-bala perdida
sem eira nem beira
procura um lugar
para morar

e quase sempre
ao encontrar
não faz de seu corpo-ninho
um altar
mas apenas
um casto e raso velório
primeiro repertório
para uma nova morada

ave-bala da cidade
não serve de sobremesa
apenas se apressa na procura
de um novo corpo-ninho

e quando encontra
promove duas moradias

uma para ela mesma
ave-bala em agonia

e uma nova casa
para um corpo sem serventia

2.

aves-balas há muitas
soltas
ariscas
aos bandos

nenhuma pausa no fio
senão por um fio
resvala em cada corpo
onde às vezes

ela pausa
penando na escuridão
das aves-balas urbanas
não se fala em ninho
senão de metralhadora

dali elas partem
se multiplicam
se avançam colina abaixo
resvalam colina acima
essas aves-balas
tão diferentes daquelas
de família cabralina

porque estas aves-balas
que escapam das carabinas
criam uma nuvem de medo
cobrem o sol

levam pesares
levam azares
levam penares

e se aconchegam
em novos corpos ninhos
e neles
as aves-balas
ficam para sempre

mesmo quando retiradas
sobram ocos
no corpo adentro
preenchidos apenas
com as lágrimas

de um corpo-ninho
que não ressuscita

3.

uma ave-bala
é sempre de rapina
ela vem na surdina
e quando chega
mais do que espanto
abrem-se gargantas
em fúria divina

sem chance
um ser já era
mano ou não
cidadão ou não
polícia ou não
traficante ou ladrão
de repente
de cara no chão

4.

uma ave-bala
sempre deixa um nome
numa lápide
e duas datas
e lágrimas e flores
e sonhos esparramados
e cabelos arrancados
e um azedo odor
de ausências

uma ave-bala
constrói um vazio
num corpo cheio

uma ave-bala
sem qualquer doçura
sem qualquer pergunta
sem qualquer pedir favor
se aloja

e então
o que pode um corpo
senão adernar
e profundamente
sucumbir

5.

uma ave-bala
 (de rapina)
 perdida
vem desembrulhada
loucamente alada
 pelada
e ao penetrar
 termina
sem qualquer orgasmo

uma ave-bala
nasce e mata
na capital e no interior
 de qualquer corpo

uma ave-bala
nasce e mata
capital e trabalho

uma ave-bala
não escolhe tempo nem espaço
pode ser (a)manhã tarde noite ou hoje
chuva sol meio-dia orvalho

uma ave-bala
mais do que obra divina
faz parte da extensão
de um homem-bicho-homem
de seu ódio
de sua raiva
de seu errar
 ao céu
 ao léo
de seu estranho amar
de seu cavalgar estrelas
de seu dominar o mar
de seu atrever-se ao ar

6.

uma ave-bala ao léu
não escolhe continente
nem chapéu
para reverência própria
só apronta escarcéu

faz de qualquer corpo
ausente ou presente
coisa subjacente
coisa que bóia à toa pelo rio

a terra é redonda

uma ave-bala
de rapina, ou não
faz do corpo quente
objeto frio

uma ave-bala solta ao vento
faz de cada sujeito
esquivo objeto abjeto
envolto em cantos, choros
murmúrios e ladainhas

mesmo depois de retirada
a ave-bala não traz de volta
a vida que voou

reina ela - a ave-bala -
na memória de quem ficou
no olhar estatelado de quem olhou
no gesto interrompido de quem calou
na voz engasgada de quem falou
no ouvido surdo de quem ouviu
o silvo sibilino
nem cobra nem felino
nem o risco no ar
só um tudo que antepara
um corpo diante da ave-bala
rapinamente
perdida
de repente

um nada
e ela - a ave-bala achada -
fica suavemente esquecida
na mesa de autópsia
para ser lembrada
na soturna funerária

7.

uma ave-bala perdida
depois de achada
sempre deixa seqüela
e ninguém se livra
da memória dela

uma ave-bala perdida
jamais cai no esgoto
sai sempre de um
homem ira
homem raiva
homem tralha

homem ódio
homem cinza
homem escroto

tanto mais cresce o ódio
mais a ave-bala perdida
se transforma em rapina

e mais ela entra
às trombetas
ou em surdina

8.

a ave-bala perdida
 de rapina
não escolhe tempo bom ou ruim
quando ela se apresenta
pressente-se
alguém está perto do fim

e é sempre um presente
que se perpetua
seja criança jovem
velho adulto

basta ser gente
mulher e homem
e a ave-bala de rapina
perdida
não se faz de rogada
e se faz anti-semente

9.

mas as aves-balas perdidas
 de rapina
têm especial preferência
(juvenil predileção)
por meninos avião
esses que levam
 e polvilham coisas
para prazeres maiores
chamadas drogas
de alucinação
e deixam as pessoas
dentro de si de dentro
do lado de fora
do dentro do nada

e essas crianças jovens

encontram as aves-balas
achadas em qualquer escuridão
e caminham com ela nos seus bolsos
quando deveriam chupá-las
ao invés de entorná-las
em qualquer corpo são

e de repente
essas aves-balas
 de rapina
se voltam contra eles
aves-balas perdidas
de rapina
 bumeranguemente
 atrevidas

10.

e no acaso da bala
acha-se um ocaso
finda-se uma doce vida
que poderia ter sido
calma ou intrépida

e as aves-balas
 de rapina
 perdidas
 ao leo

cumprem cada vez
seu melhor papel
de povoar de
anjos arcanjos
querubins e serafins
 o céu

***Fernando Rios** é jornalista, poeta e artista plástico.